

CARTOGRAFIAS DO SOBRENATURAL E CONTROLE FEMININO NA SOCIEDADE AÇUCAREIRA

Claudiana Faustino de Castro

Maria do Socorro Cipriano (co-autora)

(Universidade Estadual da Paraíba/ e-mail: claudiana.castro123@gmail.com)

(Universidade Estadual da Paraíba/ e-mail: maria.cipriano@bol.com.br)

Resumo: As histórias de visagens no engenho são inscritas no sistema cultural da vida rural que estabelecem valores e regulam comportamentos no cotidiano. Através das obras literárias de José Lins do Rego, *Menino de engenho* e *Meus verdes anos*, foram analisadas as histórias de aparições para compreender como estas narrativas sobrenaturais agiram como agentes de disciplinamento no cotidiano das mulheres do engenho. Nessa perspectiva, é pertinente afirmar, que os valores culturais de época são negociados e reinventados numa íntima relação com aquele mundo sobrenatural, servindo este para perpetuar e/ou formular um modelo de mulher aceito na sociedade açucareira. Regulando principalmente a sexualidade feminina, tais lendas ajudaram a perpetuar um ideal de mulher assexuada, docilizada e recatada ao lar doméstico, ainda que muitas algumas figuras femininas escapem às regras morais. Metodologicamente, esta proposta aponta para uma dimensão cultural, interrogando sobre as representações simbólicas do universo sobrenatural que perpassa a literatura de Lins do Rego, considerando como os seres fantásticos também partilhados pelos moradores dos engenhos, compunham um universo mental de época e regulavam comportamentos sexuais. Teoricamente, a problemática, apoia-se especialmente nos seguintes referenciais; BACHELARD, Gaston; CERTEAU, Michel de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa PIBIC (Cota 2017/2018) – “As assombrações do engenho de José Lins do Rego”, que se encontra em andamento, com a participação da orientanda Claudiana Faustino de Castro sob a orientação da Prof. Dra. Maria do Socorro Cipriano.

Palavras-chaves: sobrenatural, literatura, sexualidade, mulher.

INTRODUÇÃO

Através dos romances regionalistas *Menino de engenho* e *Meus verdes anos*, busca identificar as construções de histórias de aparições de lobisomens e de papa-figos, intimamente ligadas ao universo imaginário do engenho de açúcar, para pensar como tais narrativas compunham o cotidiano daquelas pessoas, servindo também como um instrumento de controle dos comportamentos impostos à mulher da sociedade açucareira.

Tendo em vista que as crenças e os medos são constituídos a partir de um conjunto de valores culturais partilhados, negociados e reinventados através de redes de poder da sociedade coronelística, interessa perceber na análise da literatura de Rego, as questões de gênero que são elucidadas por meio das rasuras entre o universo sobrenatural e real que são vivenciadas no âmbito rural de Santa Rosa. Problematizando essas histórias do além-mundo através de uma perspectiva cultural de gênero, podemos analisar os papéis/ regras destinados as mulheres na sociedade coronelística no início do século XX.

No contexto social das mulheres que viviam no âmbito rural e no recorte temporal citado acima eram naturalizados os discursos e as ações que tornavam as mulheres submissas ao pai ou ao marido, destinando-as aos recintos privados. A virgindade, o requinte nos afazeres domésticos, a decência e bons modos eram atributos indispensáveis para a moça que pretendia casar. Para as mulheres casadas, os três últimos atributos consolidavam-na como uma boa esposa. Logo, as moças precisam proteger a sua reputação, pois encontravam-se sob a mira de olhares vigilantes.

“Fazer-se mulher no início do século XX”

“Lugar de mulher honesta é no lar”¹

A epígrafe acima exemplifica o que é ser mulher no início do século XX, esta que era condicionada exclusivamente aos âmbitos privados e a valores bem solidificados. O valor das mulheres, principalmente as casadas, perante a sociedade era a honestidade expressa pelo recato, pela fertilidade e uma ótima gerenciadora do lar. Segundo aponta Del Priore (2014), muitos homens usufruíam dos corpos jovens de suas esposas, e que logo que perdiam os traços

¹ (DEL PRIORE, 2014, p. 66.)

de beleza devido estarem presas ao doméstico, os maridos procuram substitutas mais jovens para as noites de prazer. Logo, ser mulher nesta sociedade abordada é ser invisível, viver às sombras de uma figura patriarcal (pai ou marido), esta construção é bastante enganchada aos interesses de uma sociedade fundamentada no patriarcalismo.

Para Louro (2008), a constituição da mulher em dada sociedade vai depender de uma série de aprendizados e práticas vivenciadas por ela, uma vez que a constituição de gênero e de sexualidade depende das relações estabelecidas com “Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo” (p. 18).

De forma direta ou sutil, tais práticas culturais alimentaram a sociedade, assegurando comportamentos.

Na sociedade brasileira do início aos meados do século XX, havia estereótipos construídos em torno dos papéis masculinos e femininos que, provavelmente, eram transpostos às funções de pai e de mãe. [...] a masculinidade está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força; já a feminilidade, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa e fiel. (MATOS & FARIAS apud MESTRE, 2004, p.39).

Em uma sociedade fundamentada no patriarcalismo, a preocupação das famílias com a pureza e o comportamento das meninas eram uma constante para garantir um casamento. No sentido mais geral, “esperava-se que fossem incultas, piedosas e prisioneiras de casa” (DEL PRIORI, 2014, p. 19). No Sertão nordestino a mulher muito bonita² tornava-se alvo de “desconfiança” e poderia “despertar traição ou desejo de outros homens”, como sugerem os cordéis e adágios populares (FALCI, 2010). Portanto, a mulher ideal para o regime patriarcalista nordestino era a mulher que valorizasse o matrimônio, desempenhasse as atividades domésticas com primor e, de preferência, uma mulher com traços físicos normais para não despertar olhares indiscretos. A mulher teria que ser por obrigação um ser doméstico e domesticado.

Louro (1997) aponta como os discursos que caracterizam a esfera privada como o único universo da mulher foram produzidos para torná-la invisível na sociedade. Mas, outros grupos sociais femininos, tais como as classes trabalhadoras e camponesas acabavam ocupando os

² Na cultura açucareira há um ditado que diz que “muita mulher bonita tem pereba escondida” (CASCUDO, 1971, p.142). Este ditado exemplifica a crença difundida no sertão nordestino que as mulheres bonitas causavam desconfiança perante os homens.

espaços públicos, pois precisavam trabalhar nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. A autora ainda mostra como as atividades femininas, além de serem vigiadas e dirigidas por homens, também eram classificadas como sendo “secundárias”. Logo, os lugares impostos aos gêneros são arquitetados e impostos por arranjos sociais e históricos:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. [...] **as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros.** (LOURO, 1997, p.24). Grifo nosso.

No contexto da sociedade coronelística, as mulheres assumem papéis submissos ao homem, seja representado pelo pai ou marido. As mulheres abastadas ficavam responsáveis pelo gerenciamento dos afazeres doméstico e cuidar dos filhos. Enquanto isso, as mulheres pobres trabalhavam na lavoura ou como artesãs e também eram responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidar dos filhos para serem consideradas boas esposas. Mesmo estas mulheres pobres que desfrutavam uma certa “liberdade”, por trabalharem fora de casa, estavam submetidas aos olhos vigilantes masculinos, controlando-a e/ou julgando seu trabalho como assistencialista. Ressaltando que muitas mulheres subalternas trabalhavam fora para ajudar na sobrevivência de sua família sem ter uma noção de dependência feminina ou ideia das relações de poder e/ou de gênero. (DEL PRIORE, 2014).

Luís da Câmara Cascudo (1971), em sua obra Sociologia do Açúcar, salienta que as senhoras de engenho eram responsáveis pelo gerenciamento da Casa-Grande, que incluía o universo familiar e, ainda, deveres com a Igreja paroquial. As refeições do marido, dos filhos e dos trabalhadores com direito à comida, os remédios caseiros e as queixas recaíam sobre os afazeres da senhora de engenho.

Na visão de Louro (1997) as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições "fabricam" os sujeitos, produzindo discursos e práticas sociais que são cristalizadas através de instituições de poder. Portanto, as relações sociais desempenham importantes papéis na construção da identidade de gênero, elas são moldadas pelas relações de poder da sociedade.

Sujeitos de controle, sujeitos para controlar...

“[...] A maneira pela qual escapamos do real designa claramente a nossa realidade íntima.”³

Tendo em vista a epigrafe acima, podemos dizer que a imaginação é um importante condutor do real na medida que nos revela sinais, desejos, perfis de uma determinada sociedade através de suas histórias fabulosas, sonhos e etc. No recorte temporal abordado, as fronteiras entre a realidade social e o universo sobrenatural são constantemente rasuradas por meio de histórias de encantamento, de visagens e de seres sobrenaturais. E principalmente, a literatura é uma fonte privilegiada da leitura do imaginário, porque permite navegar em sonhos, medos e preconceitos das pessoas que representavam o mundo através de suas escritas. “[...] é a literatura que fornece os indícios para pensar como e porque as pessoas agiam desta e daquela forma”. (PESAVENTO, 2005, p. 82-83.).

Del Priore (2000) salienta que transitar pelo universo sobrenatural é passear nas tradições, nas crenças e nos valores de uma época. Para a autora, as histórias dos monstros nos mostra que o imaginário pode ser tão importante e poderoso quanto o real para àqueles que viveram em sociedades que não existiam fronteiras entre o visível e invisível. Logo, pesquisar o mundo sobrenatural é debruçar-se nos sistemas de valores, nos espaços físicos e morais do homem.

Freire (1987) nos conta a história da Josefina, uma menina muito bonita de 13 anos que era alertava para não andar à noite, principalmente em noite escura na sexta-feira pois poderia encontrar um lobisomem⁴. Este perigo era intensificado se mulheres virgens e crianças saíssem a noite, por estes serem as presas mais atrativas devido aos seus corpos jovens e puros. Porém, Josefina saía em uma noite escura e de sexta-feira para comprar azeite na venda.

Seguia assim Josefina para a venda, quase sem medo de lobisomem nem de fantasma, quando, no meio do caminho, sentiu de repente que

³ (BACHELARD, 2001, p.07).

⁴ O lobisomem era um ser sobrenatural que “tomava toda noite de sexta-feira aquela forma hedionda e saía a correr pelos matos, pelos caminhos desertos, pelos ermos, estraçalhando quem encontrasse sozinho”, poderia até que chupar sangue de mulher virgem e criança. (FREIRE, 1987, p.57)

junto dela parava um não-sei-quê alvacento ou amarelento, levantando areia e espadanando terra; um não-sei quê horrível; alguma coisa de que não pôde ver a forma; nem se tinha olhos de gente ou de bicho. Só viu que era uma mancha amarelenta; que fedia; que começava a se agarrar como um grude nojento ao seu corpo. Mas um grude com dentes duros e pontudos de lobo. Um lobo com a gula de comer viva e nua a menina inteira depois de estraçalhar-lhe o vestido.

Foi o que fez o tal lube: estraçalhou o vestido da negota, que, felizmente, era azul, enquanto ela gritava de desespero. (FREIRE, 1987, p. 55).

Tendo em vista que “A verdadeira viagem da imaginação é a viagem ao país do imaginário, no próprio domínio da imaginação. [...] O objeto não é real, mas um bom condutor do real” (BACHELARD, 2001 p.05). Não é objetivo da nossa pesquisa, afirma se a aparição do lobisomem citada no relato acima é falso ou verídico, o que nos interessa é analisar a função social do ser sobrenatural. Pois, Josefina era uma negra muito bonita que gostava de ir à festa, pastoril, pagode e etc., porém a mãe a proibia, pois era católica e conservadora, não lhe agradava que a filha tivesse uma vida com liberdade. E inúmeras vezes, as histórias de aparições de seres sobrenaturais como o lobisomem foram usadas como advertências para que a menina não saísse dos olhos vigilantes da sua mãe.

Segundo o costume folclórico, um lobisomem pode originar-se por meio de três justificativas: primeira, fruto de incesto, segunda causa, sétimo filho homem, e terceiro motivo, os hipoêmicos, anêmicos, amarelos, procuram dessa forma ressarcir a carência sanguínea devorando animais vivos, notadamente leitões e mesmo pessoas. (CASCUDO *apud* MARQUES, 2012).

No Engenho de Santa Rosa, o medo do lobisomem era compartilhado por todos, em especial mulheres virgens e crianças, que jamais poderia sair à noite para não correr o risco de sentir a fúria da fera nos seus corpos puros. Em *Menino de engenho*, Lins do Rego relata que na sua sensibilidade de criança, o terror pelo desconhecido, pela escuridão da noite e dos lobisomens evitava que passeasse por certos lugares e saísse à noite. E é verossímil que as mulheres virgens tenham se resguardado no recinto doméstico pelo medo do sobrenatural.

Na mata do Rolo estava aparecendo lobisomem. Na cozinha era no que se falava, num vulto daninho que pegava gente para beber sangue. [...]

José Cutia era um comprador de ovos da Paraíba, um pobre homem que não tinha uma gota de sangue na cara. Andava sempre a noite talvez para melhor fazer suas caminhadas, sem sol. E por isto tinha-se na certa que ele o lobisomem.

(REGO, 2008, p.76)

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

O personagem José Cutia é descrito como um homem anormal por ser pálido e que não andava durante o dia provavelmente para não tomar sol. Mas o fato de um comprador de ovos estranho andar apenas a noite já assustava as pessoas, fermentando o medo da população de Santa Rosa. “[...] nós, quando o víamos passar com as suas cestas de ovos, fugíamos da estrada com medo. ” (REGO, p.76). Medo plausível em uma sociedade em que as sensibilidades poderiam ser afloradas quando algo quebrava a rotina.

Circulava a história que o vendedor de ovos também era um papa-figo que se alimentava de figos de crianças e que tomava banho com sangue de bebês para curar sua falta de sangue. Em Meus verdes anos, Lins do rego nos conta a presença de um papafigo que aterrorizava a comunidade: “Metia-me medo a história do papa-figo, seria um homem amarelo que só podia viver com sangue de menino ou moça donzela, saindo à meia-noite a procura de suas vítimas. ” (REGO, 1985, p.63). Portanto, tanto o lobisomem como o papafigo agiram como agentes de disciplina⁵ do poder patriarcal da sociedade coronelística.

Tendo em vista que estamos no contexto da sociedade coronelística, em que a mulher deve ser um ser doméstico para atender as demandas de uma família patriarcal e feliz, essas histórias foram apropriadas pelo poder dominante para perpetuar valores de castidade e obediência entre as mulheres, pois, caso houvesse uma rebeldia, os agentes de disciplina sobrenaturais agiram de forma violenta.

Para a sociedade açucareira o plano do real e do sobrenatural era um laço constituinte do cotidiano. Estes seres sobrenaturais não era uma representação, era um fato, penetravam e eram elementos do ser e pensar dos homens, mulheres e crianças de engenho. Del Priore (2000) afirma que estes universos encantados e fantásticos repleto de monstros estavam relacionadas com as tradições e crenças do contexto peculiar, onde os fenômenos sobrenaturais eram concretos e tão dignos de poder quanto o visível.

Conforme Certeau (2007), os relatos podem mudar o fato de ver no acreditar, fabricando o real. Seguindo essa linha de pensamento, podemos afirmar que em uma sociedade bastante demarcada hierarquicamente, na qual os lugares sociais são pensados e impostos de acordo com o gênero, as figuras sobrenaturais do lobisomem e papafigo coagiram as mulheres ao âmbito

⁵ Utilizamos o conceito de disciplina elaborado por Michel de Foucault (2014) que afirma que a disciplina é o conjunto de métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e que lhe impõe uma relação de docilidade-utilidade que controla os elementos, os gestos e os comportamentos.

privado através do viés do medo. A presença da mulher em recintos públicos ou em espaços rurais deveria ser evitada e/ou rigidamente controlada. Com isso, evita-se os namoros indesejados e/ou a perda da virgindade das moças casadoiras. Pois, especialmente nas comunidades rurais, até pouco décadas passadas, o recato e a virtude eram consideradas qualidades honrosas obrigatórias das candidatas à esposa.

O sobrenatural atuou com agente de uma disciplina discreta, mas intensa no cotidiano das mulheres, pois como nos lembra Foucault (2014), em qualquer sociedade o corpo está preso por poderes instituídos, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações, e este controle opera minuciosamente e coercivamente nos gestos e comportamentos. Mas, certamente, as mulheres também souberam driblar as formas de controle.

As mulheres que são relatadas, nas duas obras abordadas, como devassas e desobedientes são meninas brancas que sentem em suas carnes a ardência da adolescência, mulheres brancas casadas adúlteras, assim como também as mulheres negras que caminhavam nos territórios da indisciplina. Lins do Rego (1985) cita a jovem e branca prima que lhe arrastou para a libertinagem na casa dos carros. O autor também não poupa histórias de mulheres brancas adúlteras, e também das inúmeras mulheres negras que compartilharam seus prazeres carnavais com o neto de senhor de engenho. Evidenciando a transgressão das normas sociais que eram controladas pelas histórias de aparições fantasmagóricas, e nos relatando representações de mulheres que souberam driblar seus medos e/ou articula-los com seus desejos, antinômicos com os lugares impostos as mulheres naquela sociedade.

A julgar que os seres históricos presentes na literatura de José Lins do Rego, as pessoas narravam as histórias sobre seres fantasmagóricos no sentido de atribuir sentidos ao seu cotidiano, ao mundo vivido. As narrativas representavam uma crucial ferramenta para compreender uma “versão plausível do passado, indicando que os homens continuam tecendo relações complexas e múltiplas junto aos agentes sobrenaturais, sejam eles considerados autóctones ou estrangeiros. (CAVIGNAC & MOTTA, 2004, p.20).

Em suas experiências de infância, vivendas no engenho, afirma Lins do Rego (2008, p.77-78):

Eles me contavam estas histórias dando detalhe por detalhe, que ninguém podia suspeitar da mentira. E a verdade é que para mim tudo isto criava uma vida real. O lobisomem existia, era de carne e osso, bebia sangue de gente.

Este medo em relação ao sobrenatural era parte integrante do sistema de crenças e valores rurais compartilhados por todos na comunidade, e por isso que a circulação de histórias de aparições de lobisomens e papafigos era dada como fato verdadeiro pela ótica cultural vigente. As crianças cresciam acostumadas a conviver com histórias do mundo sobrenatural e atuação deste na realidade social, para eles o medo era uma constante na vida do engenho. A crença no mundo invisível era um elemento importante da maneira de ser e pensar do homem do engenho.

Portanto, através das análises das literaturas de Lins do Rego, percebemos que os lobisomens e os papafigos eram agentes de uma disciplina para as mulheres levando em conta a ótica do poder na sociedade coronelista essencialmente fundamentada no patriarcalismo. Uma sociedade regida por valores e normas tão rígidas não se sustentaria apenas com base no mando de seus senhores. É necessário entender essa sociedade em sua complexidade, não somente através dos olhos vigilantes do senhor, mas considerar as relações de poder que a perpassavam através dos agentes sobrenaturais pedagógicos.

CONCLUSÃO

A análise das histórias de assombramentos, que circulavam nos engenhos, nos forneceu um terreno histórico fértil para entender a dinâmica das crenças e valores compartilhados entre a comunidade do engenho. Também contribuiu para compreender como estas narrativas foram utilizadas como agentes de disciplina que visavam o controle social, essencialmente voltando-se para um tipo de mulher ideal: recatada, obediente, doméstica e domesticada.

Vale salientar também que estas histórias estão intimamente atravessadas por relações de poder, relações estas entre mãe/pai e filha, marido e esposa, negras tutoras⁶ e meninas. Tendo em vista que o âmbito rural era tecido a partir de uma fronteira tênue entre o real e o imaginário,

⁶ A julgar que muitas escravas/ mulheres negras ficavam responsáveis pela educação e vigilância das moças. Assim como também, estas mulheres negras se destacavam como grandes contadoras de histórias que marcavam profundamente os ouvidos brasileiros, histórias que divertiam e advertiam os desavisados. *In*: CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Global, 2006.

e estas fronteiras eram constantemente rasuradas — e era uma questão cultural aceita, legitimada e vista como um fato real — nota-se nas referidas obras de Lins do Rego, como as narrativas do sobrenatural foram bastante utilizadas nas relações de gênero que constituíram aquela sociedade coronelística e patriarcal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Coleção Terra Brasilis. 10 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

_____. **Sociologia do açúcar**. Rio de Janeiro: Coleção Canavieira, 1971. p.151-162.

CAVIGNAC, Julie Antoinett. MOTTA, Antonio. **Retóricas do Olhar e Tramas da Narrativa**. XXVIII Encontro Anual da ANPOCS - Seminário temático n. 70 . Caxambu, MG: RBCS, 2004. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-28-encontro/st-5/st04-4/3915-cavignac-motta-retoricas/file> acesso em março de 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção Cotidiano**: 1. Arte de fazer. 13 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus**: monstros no mundo europeu e ibero-americano (século XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. Da mulher na família à família da mulher. In: **Histórias e conversas de mulher**. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2014.

_____. **História íntimas**. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordeste. In: Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: o nascimento das prisões**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf> acesso em março de 2018.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 pp.

MARQUES, Helton. **Infância no contexto da família patriarcal brasileira e sua representação em menino de engenho, de José Lins do Rego**. (Dissertação de mestrado). Assis: Unesp, 2012.

MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. **Mulheres do século XX: Memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)**. (tese de doutorado). Curitiba: UFPA, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 96 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

_____. **Meus verdes anos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.